



BB n.º 74 | Novembro de 2016 | AELdF

PORTUGUESES 2



BIBLIOTECA ESCOLAR

CLARA PÓVOA

Ficha técnica

Título: *Portugueses 2*

Autor: Biblioteca Escolar Clara
Póvoa | Serviço das Bibliotecas
Escolares do Agrupamento de
Escolas Lima-de-Faria,
Cantanhede

Seleção: Conceição Sacarrão,
Fernanda Caco e Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e
Fernanda Cravo

Edição: Isabel Bernardo

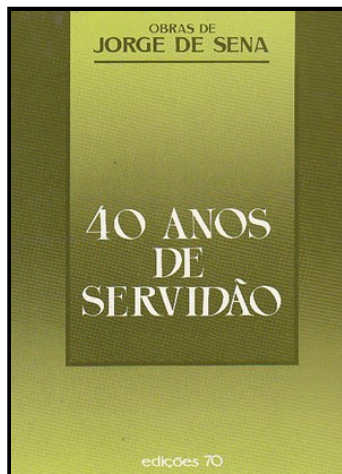
Imagem: Almada Negreiros, *A
partida dos emigrantes—1947-49*
(pormenor).

Portugueses 2 by Biblioteca Escolar Clara
Póvoa | Serviço das bibliotecas Escolares
do Agrupamento de Escolas Finisterra-
Cantanhede is licenced under a Creative
Commons Atribuição-NãoComercial
SemDerivações 4.0 International Licence

O Portugal futuro é um país
aonde o puro pássaro é possível
e sobre o leito negro do asfalto da estrada
as profundas crianças desenharão a giz
esse peixe da infância que vem na enxurrada
e me parece que se chama sável
Mas desenhem elas o que desenharem
é essa a forma do meu país
e chamem elas o que lhe chamarem
portugal será e lá serei feliz
Poderá ser pequeno como este
ter a oeste o mar e a espanha a leste
tudo nele será novo desde os ramos à raiz
À sombra dos plátanos as crianças dançarão
e na avenida que houver à beira-mar
pode o tempo mudar será verão
Gostaria de ouvir as horas do relógio da matriz
mas isso era o passado e podia ser duro
edificar sobre ele o portugal futuro
Ruy Belo, *Homem de palavra(s)*

40 anos de Servidão

Poesia



Morreu Dom Fuas, gato meu sete anos, / pomposo, realengo, solene,
quase inacessível,/ na sua elegância desdenhosa de angorá gigante, /
cendrado e branco, de opulento pêlo, / e cauda com pluma de elmo
legendário.

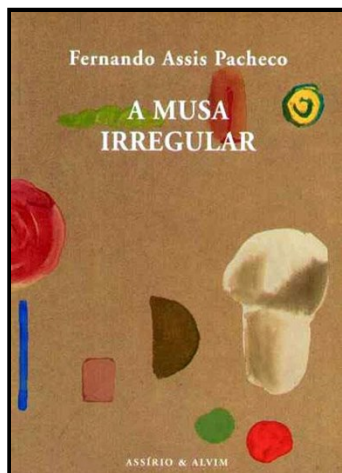
Contudo, às suas horas, e quando acontecia / que parava em casa mais
que por comer / ou visitar-nos condescentemente como / a duquesa de
Guermantes recebendo Swann (...) (p. 189)

Cota: 821.134.3-1 SEN
N.º de registo: 7587

Sena, Jorge de (1989). *40 anos de servidão*. (2.ª ed.). Lisboa: Edições 70.

A musa irregular

Poesia

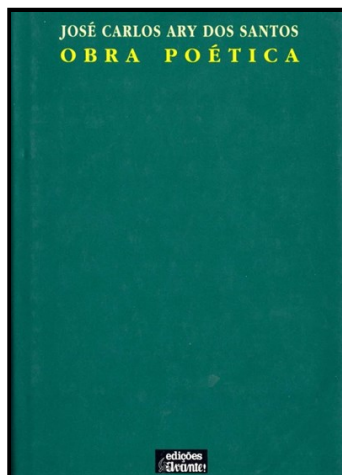


O peso do outono

Eu vi o Outono desprender suas folhas,/ cair no regaço de mulheres muito loucas./ Cem duzentas pessoas num café cheio de fumo/ na cidade de Heidelberg pronta para a neve/ saboreavam tepidamente a sua ignorância. Eu vi as amantes ensandecerem/ com esse peso de Outono. Perderem as forças/ com o Outono masculino e sangrento./ Os gritos a meio da noite/ das amantes a meio da loucura voavam(...) (p. 13)

Cota: 821.134.3-1 PAC
N.º de registo: 13311

Pacheco, Fernando Assis (2006). *A musa irregular*. Lisboa : Assírio & Alvim.



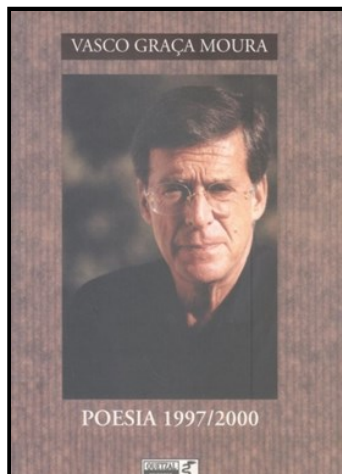
Poeta castrado não!

Serei tudo o que disserem / por inveja ou negação: / cabeçudo
dromedário / fogueira de exibição / teorema corolário / poema de mão
em mão / lãzudo publicitário / malabarista cabrão. / Serei tudo o que
disserem: / Poeta castrado não!

Os que entendem como eu / as linhas com que me escrevo /
reconhecem o que é meu / em tudo quanto lhes devo (...) (p.291)

Cota: 821.134.3-1
N.º de registo: 10412

Santos José Carlos Ary dos (1994). *Obra poética*. (6.ª ed.). Lisboa: Avante.



Soneto das barbies

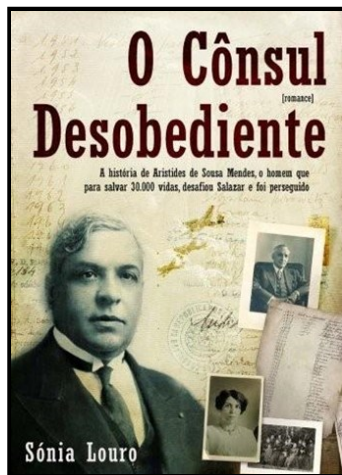
Na discoteca vi à noite as barbies:/ passavam pernilongas e lascivas/
sem verem bem as minhas tentativas/ e deu-me então a gana de
exclamar: bis,/ quero ter outra vez os meus vinte anos, / sabendo o que
sei hoje, e atravessar-me de coração pulando em puro alarme / no
caminho das ditas, mas tais planos/ podem sair furados, é melhor / fazer
valer os trunfos que inda tenho/ e franzir divertido (...) (p. 23)

Cota: 821.134.3-1 MOU
N.º de registo: 9696

Moura, Vasco Graça (2000). *Poesia 1997-2000*. Lisboa: Quetzal.

O Cônsul desobediente

Romance



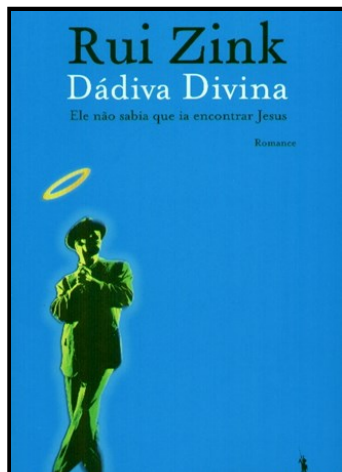
Sem tempo para pensar nas respostas, mas sem deixar que a demora se alargasse ao ponto de se tornar constrangedora, Heddy estendeu os documentos ao cônsul. Aristides abriu um dos passaportes, era o de Norbert. Folheou-o, sob o olhar atento da mulher que tentava perceber o que se passaria a seguir, até encontrar uma folha em branco. O cônsul pegou num dos carimbos retangulares que tinha na sua frente, molhou-o na almofada ensopada em tinta e carimbou o passaporte (...) (p. 36)

Cota: 821.134.3-31 LOU
N.º de registo: 12091

Louro, Sónia (2009). *O Cônsul desobediente*. Parede: Saída de Emergência

Dádiva divina

Romance



E foi assim que Samuel Espinosa morreu e eu nasci. Talvez devesse mesmo a partir de agora contar a história na primeira pessoa, ou será que isso tira o interesse, centra demasiado em mim esta história que, graças aos céus, pode ser sobre tudo menos sobre mim. Bem, isso deixa de ser tão grave se nos lembrarmos que este livro nunca será publicado, ou mesmo tornado público, nem sequer em fotocópias, reprogravuras, manuscrito *fac-simile*. (p. 170)

Cota: 821.134.3-31 ZIN
N.º de registo: 10525

Zink, Rui (2004). *Dádiva divina*. Lisboa: Dom Quixote

Enquanto Salazar dormia...

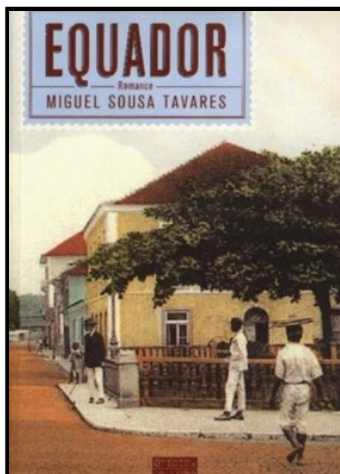
Romance



O meu amigo começou a andar na direção da Suíça e segui-o. A pastelaria, onde a afluência de refugiados obrigara a abrir uma esplanada para a rua, fora batizada pelos portugueses de “bompernasse” pois podiam observar-se por lá muitas e belas pernas de estrangeiras. Francesas, belgas, holandesas, judias da Alemanha ou da Polónia, calçavam soquetes, saíam à rua sem meias, luvas ou chapéus, e penteavam o cabelo curto à “refugiada”. (p. 48)

Cota: 821.134.3-31 AMA
N.º de registo: 12120

Amaral, Domingos (2009). *Enquanto Salazar dormia...: memórias de um espião em Lisboa* (16.ª ed.). Lisboa: Casa das Letras.



Instintivamente, Luís Bernardo afastou-se para lhe dar passagem. Cruzaram-se sem se olhar mas ele sentiu-a passar tão próximo como um arrepio deslizando-lhe ao longo do corpo. Começou a descer as escadas, ouvindo os passos dela atrás de si, afastando-se. Afastando-se para sempre da sua vida. Cada passo os afastava e agora um nó tinha vindo apertar-lhe a garganta. Estava quase a chegar ao lance de escadas de onde já não conseguiria vê-la nem mais ouvir os seus passos. (p. 29)

Cota: 821.134.3-31 TAV
N.º de registo: 10303

Tavares, Miguel Sousa (2004). *Equador* (17.ª ed.). Lisboa: Oficina do Livro.

A filha do Papa

Romance



A priora encarregara Bernarda de prover todas as necessidades do reverendo monsenhor, a qualquer hora do dia ou da noite, durante a sua estadia. A jovem observou o desconhecido prelado. Tão novo e já com um cargo tão importante. Um competente servidor da igreja seguramente. Carregava uma pequena mala de quatro rodas pela pega. Não parecia trazer muita roupa. Provavelmente, o repouso ordenado pelo Santo Padre seria breve. (p. 19).

Cota: 821.134.3-31 ROC
N.º de registo: 12995

Rocha, Luís Miguel (2013). *A filha do Papa*. (3.ª ed.). Porto: Porto Editora.

A guerra e a paz

Romance



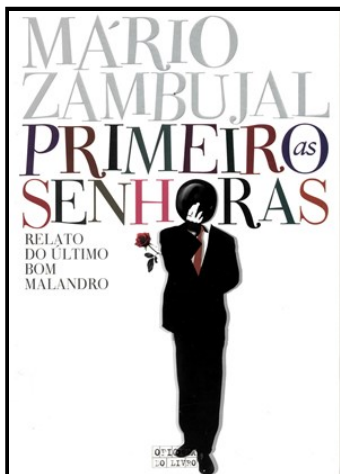
Madame DeGraff hesitara no chapéu e arrependeu-se bem de não ter trazido, porque outros havia, todos britânicos, porém, ou necessariamente, como pensou André, talvez não houvesse por ali quem mais pudesse assim opinar. DeGraff resfolgava com o esforço, e André veio ajuda-la no transporte, com a colaboração muito séria de Mina – e em breve tudo se arranjava, mesa não posta ainda, bem entendido, mas tomada, com cadeiras desdobradas à volta (...) (p. 23)

Cota: 821.134.3-31 FRA
N.º de registo: 12691

França, José Augusto (2009). *A guerra e a paz*. Lisboa: Presença.

Primeiro as senhoras: relato do último bom malandro

Romance



Se prefere perguntar, pergunte. Mas, numa primeira fase, que julgo útil é reconstruir os acontecimentos que antecederam o crime. Passei o serão no átrio da Igreja dos Prazeres levado por mais um dos acasos que me conduzem aos ziguezagues. Hoje é fácil comentar que foi disparate pôr os pés no velório. Certo. Mas o que me faz matutar é isto, senhor inspetor: quem conhecia o meu carro, paradinho a cem metros da igreja, para me fazer a espera nesse preciso ponto. (p. 13)

Cota: 821.134.3-31 ZAN
N.º de registo: 11155

Zambujal, Mário (2006). *Primeiro as senhoras: relato do último bom malandro*. (2.ª ed.). Lisboa: Oficina do Livro.

Somos todos um bocado ciganos

Romance



A Cristiana é a única mulher bonita do circo. Há mais uma que não é feia de todo, mas a Cristiana é a única realmente bonita e parecida com as atrizes e apresentadoras dos concursos da televisão. Deve ser por isso que está sempre a mudar de roupa entre um número e outro, para poder estar sempre na pista e participar em quase todas as actuações, como se fosse várias pessoas ao mesmo tempo. Exibe-se como contorcionista segura a uma corda presa no alto da tenda (...). (p.13)

Cota: 821.134.3-31 MAR
N.º de registo: 13447

Marmelo, Manuel Jorge (2012). *Somos todos um bocado ciganos*. Lisboa: Quetzal.

Tanta gente, Mariana

Romance



Há tantas coisas em que nunca pensamos por falta de tempo! Na esperança por exemplo. Quem vai perder cinco ou dez minutos a pensar na esperança, quando pode usá-los a ler um romance ou a falar ao telefone com uma amiga, ir ao cinema ou a redigir ofícios no emprego? Pensar na esperança ... sempre há gente... E ela metida como areia nas pregas e nas bainhas das almas. Passam anos, passam vidas, aí vem o último dia e a última hora e o último minuto, e ela então aparece. (p. 16)

Cota: 821.134.3-31 CAR
N.º de registo: 12562

Carvalho, Maria Judite de (2010). *Tanta gente, Mariana*. Lisboa: Ulisseia.

O último rosto de Caravaggio

Romance



Apenas a tela de Maria Madalena tinha desaparecido, tudo se encontrava como da primeira vez, cenário de filme que se revê vezes sem conta, com todos os pormenores da produção, luz filtrada, a poalha que se move com um sopro invisível, os mistérios nas trevas, o barulho das águas do Tamisa, que a maré cisma em alisar pelas pedras polidas das margens, uma nova tela virgem diferenciava-se no cavalete, mais pequena do que a de Madalena, uma seda amarrada (...) (p. 57)

Cota: 821.134.3-31 VIE
N.º de registo: 13693

Vieira, Rui (2015). *O último rosto de Caravaggio*. Lisboa: Abysmo.

O último segredo

Romance



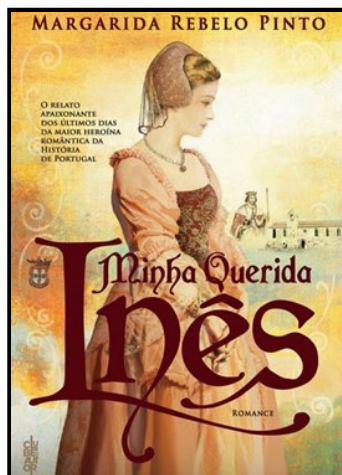
Custava-lhe a crer, mas a verdade é que o funcionário da Biblioteca Apostólica Vaticana, agindo sob as ordens do *prefetto*, lhe pousara em cima da mesa o celebre *Codex Vaticanus*. Aquela relíquia de meados do século IV era o mais antigo manuscrito sobrevivente da *Bíblia* praticamente completa em grego, o que fazia dela o maior tesouro da biblioteca Apostólica Vaticana. E vejam só, havia-lhe sido confiada a ela. Que coisa incrível. Alguém na universidade iria acreditar? (p. 15)

Cota: 821.134.3-31 SAN
N.º de registo: 12672

Santos, José Rodrigues dos (2011) *O último segredo*. (4.ª ed.). Lisboa: Gradiva.

Minha querida Inês

Romance histórico



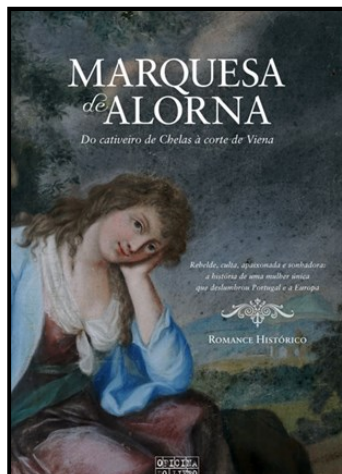
Para onde me leva o meu sonho? Já não sou Inês de Castro. E, no entanto, sinto que sou tudo que sou livre. Já não sou nada, acordo de repente, mexo-me no catre e procuro o corpo de Pedro ao meu lado, como faço todas as manhãs antes do meu despertar, naquela vigília em que só a alma nos guia entre o sono e o mundo. Há vários dias que partiu com seus homens, depois da Consoada, e só Deus sabe quando volta mas o meu corpo procura-o sempre e o meu coração (...) (p. 15)

Cota: 821.134.3-311.6 PIN
N.º de registo: 12711

Pinto, Margarida Rebelo (2011). *Minha querida Inês*. Lisboa: Clube do Autor.

Marquesa de Alorna

Romance histórico



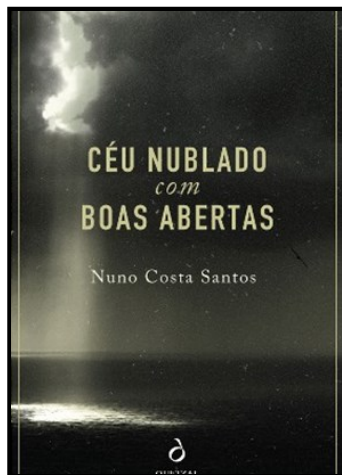
A Igreja de São Vicente de fora, a Patriarcal, a Igreja de São Nicolau, a Igreja de São Paulo, o Palácio da Inquisição, parece que até agora só a Sé escapou. –Pára, Vicente por favor pára! Não quero saber! – interrompeu D. Leonor, tapando os ouvidos com as mãos. Não queria que as filhas o ouvissem, nem que entendessem a dimensão da tragédia, da catástrofe que assolava Lisboa. Por que razão não os poupava Deus a tão triste destino. E os Santos que naquele dia se comemoravam (...) (p. 28)

Cota: 821.134.3-311.6 CAR
N.º de registo: 12675

Carvalho, Maria João Lopo de (2011). *Marquesa de Alorna: do cativo de Chelas à corte de Viena*. (2.ª ed.). Alfragide: Oficina do Livro.

Céu nublado com boas abertas

Histórias curtas



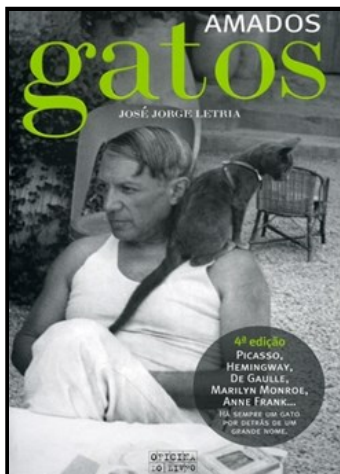
Saio de casa de manhã para ir correr até ao porto de onde o meu avô partiu nos anos 40 do século passado em direção ao incógnito continente. Levo os auscultadores e enquanto caminho, vou ouvindo um programa da manhã em que dois locutores trocam graças sobre conhecidos atores de Hollywood que não conheço. Saco-os dos ouvidos, começo a corrida junto ao mar, hoje em modo papel-prata, coberto pela luz de um sol obstinado (...) (p. 33)

Cota: 821.134.3-32 SAN
N.º de registo: 13620

Santos, Nuno Costa(2016). *Céu nublado com boas abertas*. Lisboa: Quetzal.

Amados gatos: pequenas histórias de gatos célebres

Conto



Menegheto, o companheiro da sua solidão habitada por tintas e imagens sacras já partilhava o conforto da sua morada ia para dezasseis anos. Quantos viveria ainda? Acarinhado bem alimentado, sem ter de caçar ratos nas águas fétidas dos canais, poderia durar ainda mais dois ou três anos. Jacopo Bassano hesitara, inicialmente, antes de o transformar em discreta personagem das suas telas meticulosamente imaginadas e pintadas. Depois pensara: “ que mal pode haver (...) (p.22)

Cota: 821.134.3-34 LET
N.º de registo: 12565

Letria, José Jorge (2009). *Amados gatos: pequenas histórias de gatos célebres*. (5.ª ed.). Cruz Quebrada: Oficina do Livro.

Graça Morais: Terra quente, o fim do milénio

Arte



E é também esta a terra, o lugar de origem, da pintora Graça Morais. Há um ano que ela trabalha em Trás-os-Montes, mergulhando nas suas próprias raízes, tentando perceber o que ali está a acontecer, a mudança, na paisagem e nas gentes. “Tenho de agarrar o que se está a passar e não sei o que é “. Conta-nos que quis voltar a Trás-os-Montes como se a tomasse um espírito de missão: “Preciso de estar aqui e não em Lisboa”. (p. 11)

Cota: 7 CAR
N.º de registo: 10149

Carvalho, António Carlos (2000). *Graça Morais: Terra quente, o fim do milénio: as quatro estações do ano*. Lisboa: Gótica.



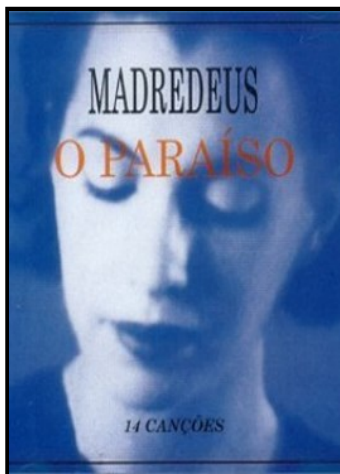
“Subi os degraus, velozmente. Quando entrei e se me deparou uma multidão que gritava o meu nome num testemunho de confiança que nunca esqueci, fiquei tonto” – relata vibrante-. “Ninguém imagina como estava nervoso, mas os aplausos, cada vez mais quentes, deram-me animo. Levantei bem alto o braço para corresponder á saudação do público. Corri para junto da minha gente, que não cessava de me aplaudir”. A partida teve o atlético por opositor (...) (p. 31)

Cota: 796(092) MAL
N.º de registo: 8073

Malheiro, João (1998). *Obrigado Eusébio*. Lisboa: Estar Editora.

Haja o que houver

Música



Haja o que houver

Haja o que houver / Eu estou aqui / Haja o que houver / espero por ti

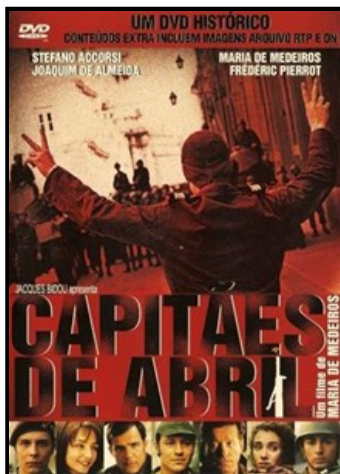
Volta no vento ô meu amor/ Volta depressa por favor / Há quanto tempo, já esqueci/ Porque fiquei, longe de ti / Cada momento é pior / Volta no vento por favor...

Eu sei quem és / pra mim / Haja, o que houver / espero por ti...

Cota: 8 MAD

N.º de registo: 142 S

Madredeus (1997). *Haja o que houver* In *O paraíso* [CD]. Lisboa: EMI - Valentim de Carvalho.



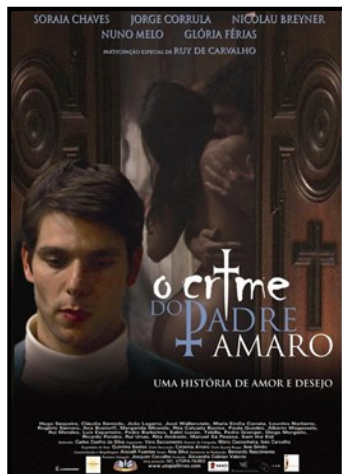
Na madrugada de 25 de Abril de 1974 o Rádio Clube Português emite a célebre e interdita canção de Zeca Afonso, "Grândola". Trata-se um código combinado com o clandestino Movimento das Forças Armadas que nessa madrugada levou um grupo de capitães a executar um golpe de estado e acabar com o regime do Estado Novo. O capitão Salgueiro Maia marcha com o seu regimento sobre Lisboa, decidido a tomar a capital sem derramamento de sangue. (sinopse)

Cota: 791.224 MED
N.º de registo: 353 I

Medeiros, Maria de (realizador) (2001). *Capitães de abril* [Filme]. Lisboa: Lusomundo.

O crime do padre Amaro

Filmes



Padre Amaro, acabado de sair do seminário, chega a Lisboa para substituir um padre numa paróquia de um bairro pobre. Amável e trabalhador, Amaro conquista a confiança das gentes do bairro e sente-se rapidamente adaptado. É então que se envolve num caso amoroso com Amélia, jovem e sensual habitante do bairro. Finalmente, a história de amor e desejo mostra o seu lado mais obscuro: Amaro revela-se um ser desprezível. (sinopse)

Cota: 791.221.4 SIL
N.º de registo: 201 I

Silva, Carlos Coelho da (2006). *O crime do padre Amaro* [Filme]. Lisboa: Lusomundo.

Missão

Enquanto estrutura pedagógica, o Serviço das Bibliotecas Escolares do AELdF tem por missão apoiar o processo de ensino e aprendizagem, promover a leitura, a literacia da informação e o gosto pela frequência de bibliotecas ao longo da vida, a fim de contribuir para a formação de cidadãos informados, críticos, responsáveis, utilizadores efetivos da informação e com capacidade de aprendizagem autónoma.

Visão

Integrado na RBE, o Serviço das Bibliotecas Escolares do AELdF pretende continuar a ser uma referência neste programa. Aberto às orientações nacionais e internacionais e à colaboração em rede, desenvolve o seu trabalho numa busca contínua da excelência dos serviços e da coleção, acessíveis equitativa e livremente, potenciando os valores e demais orientações estratégicas expressas no Projeto Educativo do Agrupamento.

